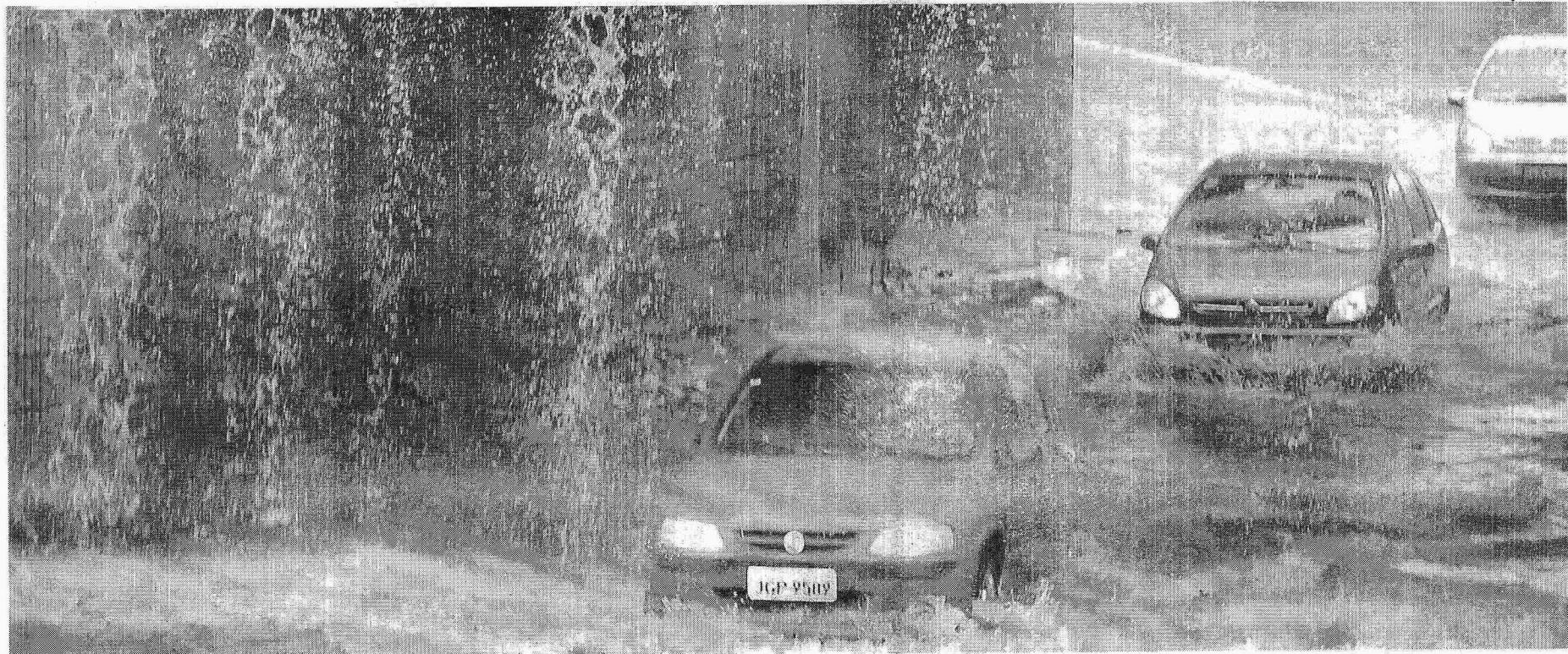


Brasília

URBANISMO ■ Falta de escoamento explica porque os temporais deste ano alagaram o DF

ARQUIVO JB



Carros em tesourinha alagada, durante temporal: falta de escoamento da água exige não só que se desobstruam os bueiros, mas também novas alternativas

Ocupação agrava danos de chuvas

DAIANE SOUZA/UNB AGÊNCIA

Em outubro de 2006, Brasília recebeu mais do que o dobro de chuva esperada normalmente para o período. Os 526,3 milímetros de precipitação registrados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) alagaram vias, tesourinhas e garagens no Plano Piloto. Nas demais Regiões Administrativas do DF, os resultados foram ainda mais desastrosos: erosões, desabamentos e moradores desabrigados. O quadro repete-se a cada temporal, sempre nos mesmos lugares. Embora alguns pensem que o problema seja causado pela chuva, o grande vilão das enxurradas e alagamentos é a ocupação urbana inadequada.

— Brasília não foi projetada para enfrentar temporais como esses. A urbanização desordenada reduziu os poucos locais por onde a água ainda podia escoar — afirma a geó-

da vez mais impermeável com tantas construções, um bairro instalado naquele local diminuiria a capacidade de armazenar água para abastecer os rios nos períodos mais secos — explica Ercília.

Segundo a professora, nessa região a absorção de recursos hídricos é muito importante para garantir que os lençóis freáticos sejam recarregados.

Vicente Pires serve como um bom exemplo para demonstrar como a ocupação desordenada causa grandes transtornos. O local, inicialmente previsto para ser uma colônia agrícola, com chácaras rurais, tornou-se uma das áreas com maior concentração de condomínios do DF. É só a chuva cair um pouco mais forte que as principais ruas ficam alagadas.

— Em casos como de Vicente Pires, é preciso reorganizar a área urbana, que não foi sequer planejada. A única solução então é mapear o curso da água para ampliar ou, em muitos casos, construir a rede pluvial — propõe a especialista.

Desastres por causa da enxurrada também são freqüentes na região da Fercal, em Sobradinho, e na Vila Cauhy, no Núcleo Bandeirante, onde passam os córregos Contagem e Riacho Fundo respectivamente.

— Quem mora próximo à margem dos rios sofre mais. Como são áreas de relevo mais baixo, a água escoa com facilidade para o local e, na maioria das vezes, aumenta rapidamente o nível — diz Ercília.

Em Itapuã e na Vila Estrutural, onde não há asfalto, a chuva inunda ruas e carrega o lixo e o esgoto que circula a céu aberto para a porta das casas. Na Vila Rafael, em Ceilândia, e no Varjão, o problema está ligado à construção de casas próximas às áreas de erosão. Com os temporais, o solo fica ainda mais suscetível aos desmoronamentos.

(Apoena Pinheiro/UnB Agência)

Especialista da UnB mostra que novos projetos eliminam áreas verdes e que situação deve piorar

graça Ercília Torres Steinke, coordenadora do Laboratório de Climatologia Geográfica da Universidade de Brasília (UnB).

Desde 2005, ela estuda, junto com a pesquisadora Raquel Barreto, os impactos sociais que decorrem dos alagamentos em diversos pontos do Distrito Federal e suas principais causas.

No caso do Plano Piloto, o grande problema está nas construções que invadem cada vez mais as áreas verdes. Quanto mais cimento, menos terra para absorver a chuva que cai. E a situação tende a piorar com a criação de novos bairros, como o Setor Noroeste, que ocupará a região entre o Parque Nacional e o Parque Burle Marx, na Asa Norte.

— Além de tornar o solo ca-



Ercília Torres: Brasília não foi projetada para enfrentar temporais como os dos últimos meses

■ Fórmulas de escoamento agora são indispensáveis

Em Brasília, o Lago Paranoá, por ser o ponto de relevo mais baixo na região, marca o fim do curso da água da chuva. Antes de chegar lá, no entanto, a enxurrada encontra diversos pontos em que acaba se acumulando, como as tesourinhas das entrequadras do Plano Piloto, as lojas em subsolos e as garagens de prédios (veja lateral).

— Nesses locais, é preciso arrumar alguma forma de facilitar o escoamento da água. A solução pode estar apenas na limpeza das bocas de lobo, que acumulam o lixo jogado na rua — destaca Ercília.

Onde o acúmulo de água é expressivo, no entanto, o ideal é verificar a capacidade de vazão das bocas de lobo e das tubulações. Em alguns casos, é preciso uma mudança completa na estrutura das redes pluviais.

— Há um grau máximo de suporte da rede de escoamento. É possível que grande parte dessa rede tenha sido construída sem levar em conta um evento extremo, como um temporal mais forte — avalia Raquel Barreto.

Ercília destaca, inclusive, que os alagamentos não se dão apenas por conta das últimas chuvas.

— Não é um fato novo. Todo mundo sabe onde ocorrem os alagamentos e erosões, mas os responsáveis fingem não ver — diz Ercília.

Raquel Barreto acrescenta que o governo acaba tomando sempre medidas paliativas, que não colaboram para mudar a situação.

No Laboratório de Climatologia Geográfica da UnB, os valores pluviométricos registra-

dos pelas estações meteorológicas e postos pluviométricos em funcionamento no DF são importante objeto de estudo para entender o comportamento do clima no DF. Em 2004 e 2005, por exemplo, os totais anuais registrados — 1.610 e 1.768 mm — respectivamente, ultrapassaram a média normal climatológica (média de 30 anos de 1.552 mm). Em 2006, é muito provável que o resultado não seja menor, segundo a professora Ercília. Mas é preciso cautela para analisar os dados.

— Olhando somente os registros mais recentes, parece que o total de chuva está aumentando. Mas pode ser apenas parte de um ciclo, pois entre 1992 e 2003, os totais anuais permaneceram abaixo da normal — analisa a professora.

Para a pesquisadora, os registros de pouco mais de 40 anos (1963 até 2005) constituem um material muito reduzido para avaliar as questões climáticas na região.